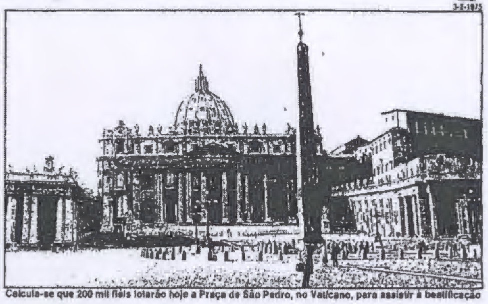
Papa beatifica hoje criador da Opus Dei

EDUARDO TESSLER
Correspondente

ROMA — A Praça São Pedro será invadida hoje por 200 mil pessoas. Desta vez, a multidão tomará conta do Vaticano para ver de perto a beatificação de um dos maiores fenômenos de carisma e discussão da Igreja contemporânea, monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer, fundador da Opus Dei.

Os hotéis estão lotados já há seis meses, e os admiradores de última hora de Balaguer na Espanha alugaram um navio que veio de Barcelona e atracou ontem em Civitavecchia com três mil devotos. No lugar dos salões de festas, grandes capelas. Vale tudo para ver de perto o fundador da Opus Dei virar beato.

Josemaría Escrivá de Balaguer, aos 71 anos



Calcula-se que 200 mil fiéis lotarão hoje a Praça de São Pedro, no Vaticano, para assistir à beatificação

A cerimônia de beatificação, comandada pelo Papa João Paulo II, será uma das mais concorridas de todos os tempos no Vaticano. Tanto que pela primeira vez se organizou para amanhã uma missa-bis na Praça São Pedro, com previsão de 120 mil pessoas. Um recorde a mais para entrar no currículo de Escrivá de Balaguer, um espanhol morto em Roma a 5 de junho de 1975 e que em apenas 17 anos virou beato, batendo outro recorde: mais rápido que ele só mesmo São Francisco de Assis, mas em outros tempos, quando o delicado processo de beatificação se fazia de uma forma mais simples.

Josemaría Escrivá de Balaguer, apesar de ser contestado por toda a ala progressista do catolicismo, acusado de moldar uma igreja de elite e de extrema-direita, encontrou no Papa João Paulo II um admirador. Foi ele quem em 1982 elevou a organização Opus Dei a Prelatura Pessoal (a única no Vaticano), ou seja, um órgão supra-dioceses.

Com o Papa João Paulo II, desapareceram todas as dificuldades que a Opus Dei tivera para encontrar seu espaço com os papas Paulo VI e João XXIII.

Hoje, a Opus Dei tem representantes nas mais diversas prefeituras do Vaticano, e o porta-voz do papa, Joaquín Navarro-Valls, é um dos 75.004 membros inscritos à prelatura de Escrivá de Balaguer.

O processo de beatificação de Balaguer é, segundo os críticos, salpicado de contradições e detalhes que fogem à regra da Igreja, e assim mesmo ganhou apoio por escrito do prefeito da congregação das Causas dos Santos, cardeal Angelo Felici.

A beatificação do fundador da Opus Dei ainda vai dar muito o que falar: não há quem não pense num processo de canonização para que o beato Escrivá vire São Josemaría Escrivá de Balaguer.

João XXIII ainda aguarda a sua vez

ROMA — O papa mais popular do século, João XXIII, morreu há quase 30 anos e ainda aguarda na fila a aprovação de seu processo de beatificação. Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer, 16 anos e 11 meses após a morte vai virar beato hoje. Considerando que seu processo foi aprovado ano passado e que pela lei da Santa Sé é preciso aguardar cinco anos da morte antes de entrar com o processo de beatificação, o fundador da Opus Dei será declarado beato hoje com apenas dez anos de avaliação da Congregação das Causas dos Santos.

— Não há qualquer fundamento nas críticas contra o processo de beatificação de monsenhor Escrivá de Balaguer — defende-se o cardeal Angelo Felici, prefeito da Congregação das Causas dos Santos.

Ele publicou um artigo no jornal "L'Osservatore Romano" (órgão do Vaticano), quarta-feira, explicando as razões da beatificação. Dom Angelo anexou observações dos teólogos censores que examinaram os textos de Escrivá. (E.T.)

O milagre da cura rápida e duradoura

ROMA — O milagre escolhido para a beatificação de Escrivá verificou-se em 1976, cerca de um ano após sua morte. Trata-se, segundo a Igreja, da cura "repentina, perfeita e duradoura" da irmã Concepción Boullón Rubio, uma freira carmelita que morava no Convento de São Lourenço Escorial, perto de Madri. Aos 70 anos, ela sofria de uma doença cujo diagnóstico foi descrito pela Junta Médica da Congregação das Causas dos Santos como: "Lipocalcinogranulomatose tumoral com localizações múltiplas, dolorosas e invalidantes, com volume máximo de uma laranja no ombro esquerdo; estado caquético em paciente com úlcera gástrica e hérnia do hiato complicada por grave anemia hipocrômica".

Já à beira da morte, em uma noite de junho, a freira, "sem que lhe fosse ministrada qualquer terapia, curou-se inesperadamente, de modo completo, e reassumiu suas atividades normais". O processo canônico sobre esta cura foi instituído em 1982, e em 18 de junho de 1991 a Congregação dos Cardeais e Bispos deu o seu parecer unânime e final: tratava-se de um milagre. O médico que assinou o testemunho, garantindo o milagre, é membro da Opus Dei.

O processo de beatificação contém seis mil páginas, nas quais se encontram os testemunhos de 92 pessoas sobre a vida e a obra de Escrivá. Apenas um testemunho é contrário à beatificação. Há um capítulo com explicações sobre as testemunhas que não foram aceitas no processo (E.T.).

Organização foi fundada na Espanha em 1928

ROMA — Josemaría Escrivá de Balaguer tinha o poder da fácil expressão. Assim conseguiu difundir suas idéias básicas ainda na Espanha e logo fundar a Organização Opus Dei, em 2 de outubro de 1928, quando era um simples padre de 26 anos. Até virar a primeira — e única — prelatura pessoal do Vaticano, em 1982, muita coisa aconteceu, mas ainda hoje a Opus Dei garante que o pensamento de Escrivá é que coordena a organização: "Todos os cristãos podem virar santos apenas realizando seu próprio trabalho", anunciava Escrivá.

O que parecia ser um lema pessoal acabou sendo sacramentado pelo Concílio Vaticano II, e no decorrer dos anos a Opus Dei virou um grande órgão.

Aos poucos a organização foi criando raízes em diversos países — 42 hoje — e introduzindo-se principalmente nos meios de comunicação e entre os jovens.

A Opus Dei possui hoje cinco universidades: Navarra (Espanha), Piura (Peru), Sabana (Colômbia), Panamericana (México) e Ateneo della Santa Croce (Roma), mas seus membros estão divulgando sua ideologia em 200 universidades do mundo.

Para ser um integrante da Opus Dei é preciso primeiro submeter-se a testes. Por isso, apesar da grande procura, os inscritos hoje limitam-se a 75 mil.

Depois de aceitos, os membros passam por uma escala hierárquica. Os "Numerários" precisam ter curso superior, ser solteiros e fazer voto de castidade, além de estarem disponíveis para se transferirem a outros países. Os "Agregados" também são castos, mas vivem em família, não devem mudar de cidade e não precisam ter qualquer escolaridade. E os "Supranumerários" são casados e devem organizar uma família dentro do espírito Opus Dei.

O porta-voz da Opus Dei na Itália, engenheiro Giuseppe Corigliano, explica:

— Nosso objetivo é recordar aos cristãos comuns que no batizado eles receberam uma chamada divina à santidade, e que se não houve um recado específico para serem padres não devem sentir-se cristãos de segunda categoria. (E.T.)

No Brasil, número de membros atinge 1.500

GISELE VITÓRIA

SÃO PAULO — Com cerca de 1.500 membros no Brasil — entre leigos e sacerdotes — a Opus Dei é afinada com a ala mais conservadora da Igreja católica, que defende o resgate da espiritualidade no mundo contemporâneo. A mais poderosa associação leiga da Igreja é tão controvertida aqui quanto no resto do mundo.

— A Opus Dei é uma obra de real cunho social — afirma dom Fernando Antônio Figueiredo, bispo de Santo Amaro e secretário da Conferência do Episcopado Latino-Americano.

— É uma organização forte, espalhada pelo mundo inteiro, com tendência acentuada para elitismo. Encontra simpatias quase fanáticas e oposições fortíssimas — diz, reticente, dom Paulo Evaristo Arns, cardeal-arcebispo de São Paulo, um dos expoentes da ala progressista da Igreja.

Já Dom Fernando acha que a beatificação do monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer "traz viva alegria no se constatar que a Igreja deseja colocar a vida e a pregação do fundador da Opus Dei como exemplo aos fiéis".

Dom Fernando afirma que as principais preocupações difundidas pelo novo beato são "a redescoberta de uma espiritualidade que responda aos tempos modernos e a irradiação da boa nova do evangelho".

Prelazia pessoal (espécie de diocese) instituída em 28 de novembro 1982 por um decreto do Papa João Paulo II, no novo Código do Direito Canônico da Constituição Apostólica, a Opus Dei tem sua sede brasileira em São Paulo, sob a coordenação do vigário regional, padre doutor Francisco Xavier Ayala. O trabalho apostólico no Brasil — baseado na "santificação" da atividade profissional — é difundido ainda em Brasília, Rio de Janeiro, Niterói, Belo Horizonte, Curitiba, Londrina (PR), e nas cidades paulistas de Campinas e São José dos Campos.

De acordo com o professor de ética Carlos Alberto di Franco, encarregado de informações do escritório da prelazia em São Paulo, a Opus Dei "não tem nenhuma posição em matéria política, social e econômica, dedicando-se exclusivamente às práticas religiosas e apostólicas".

No Rio, a Opus Dei é proprietária do Centro Cultural Tijuca. Um dos expoentes da Opus Dei no país é dom Rafael Llano Cifuentes, bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio e único bispo membro da prelazia no Brasil. Dom Rafael participa hoje em Roma da cerimônia de beatificação do monsenhor Escrivá.

João Paulo: apoio à beatificação

A trajetória que levou à beatificação

Josemaría Escrivá de Balaguer nasceu em 9 de janeiro de 1902 em Barbastro (Huestra, Espanha), onde estudou no colégio dos padres escolápios. Aos 13 anos mudou-se com a família para Logroñes, onde em 1918 iniciou os estudos eclesiásticos.

Em 1920 ingressou como aluno interno no seminário de São Francisco de Paula, de Saragoza, cursando simultaneamente direito civil na universidade local. Foi ordenado sacerdote em 20 de março de 1925.

Em 1927 transferiu-se para Madri. Ao mesmo tempo em que desenvolvia um trabalho assistencial como capelão do Patronato de Enfermos, continuou os estudos de direito civil.

Em outubro do ano seguinte fundou a Opus Dei, e dois anos mais tarde fundou a seção de mulheres da organização. Em 1934 foi nomeado reitor do Patronato de Santa Isabel.

Viveu na clandestinidade em Madri durante a guerra civil, exercendo seu ministério sacerdotal. Em 1937 passou para Burgos, onde em 1943 fundou a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz, ligada à Opus Dei.

Em 1946 fixou residência em Roma, onde permaneceu até morrer, em 26 de junho de 1975, aos 73 anos. Nessa época, a Opus Dei contava já com cerca de 60 mil membros de 80 nacionalidades.

Escrivá foi consultor da Comissão Pontifícia para a interpretação autêntica do Código de Direito Canônico, e da Sagrada Congregação de Seminários e Universidades.

Monsenhor Escrivá e a santidade dos leigos

D. RAFAEL LLANO CIFUENTES

Nenhum santo é inócuo ou neutro. Todos têm provocado, no mínimo, um estremecimento de vida no Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja. Muitos deles, além disso, foram instrumento de Deus para suscitar um fecundo florescimento de fé e de santidade, de profunda renovação, no povo cristão. É um fato palpável que santidade suscita santidade.

Quando o Papa João Paulo II beatificar hoje em Roma o venerável Josemaría Escrivá, fundador do Opus Dei, estará elevando à honra dos altares um homem de Deus com estas últimas características: um sacerdote que foi um foco de irradiação de ideais e realidades de santidade, especialmente em multidões de fiéis leigos na Igreja.

Monsenhor Josemaría Escrivá é universalmente reconhecido como pioneiro da promoção do laicato, despertador decisivo da tomada de consciência sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. Essa promoção do laicato parte, como da sua raiz, da visão lúcida sobre a identidade e sobre o papel do leigo na Igreja Católica. Uma visão de riquíssimos desdobramentos doutrinais, que não fica na teoria. Monsenhor Escrivá enraizava a teologia com que iluminava a figura do leigo na própria vida, na realidade espiritual e pastoral da obra que Deus lhe confiara, isto é, do Opus Dei.

É, de fato, sobre o palpitar de vida do Opus Dei — uma instituição destinada aos cristãos comuns — que monsenhor Escrivá lavra seus ensinamentos. Um conceito nítido, teológico e pastoral, da identidade própria do fiel comum, deve superar a visão subalterna do leigo, própria do clericalismo, que imperou — é um fato histórico — durante séculos. Já desde o começo do seu trabalho funcional, monsenhor Escrivá repelia "o preconceito de que os fiéis correntes não podem fazer mais do que ajudar o clero, em apostolados eclesiásticos". ("Questões atuais do cristianismo", nº 21).

Os fiéis cristãos comuns não são apenas ovelhas dóceis, como também não são simples auxiliares do clero, ainda que naturalmente deva haver alguns que, pelas mais diversas razões, se insiram nas atividades eclesiásticas. O fiel cristão tem uma vocação própria, que decorre da grandeza e dignidade do Batismo, mediante o qual se incorpora a Cristo. "Sempre pensei", dizia o fundador do Opus Dei, "que a característica fundamental do processo de evolução do laicato é a tomada de consciência da dignidade da vocação cristã. O chamado de Deus, o caráter batismal e a graça fazem com que cada cristão possa e deva encarnar plenamente a fé" ("Questões atuais...", nº 58).

Desta vocação específica de cristão comum, colocado pela providência de Deus no mundo, no próprio tecido da sociedade que ele edifica, decorre a missão específica dos leigos. Uma missão que é a própria do fermento — imagem evangélica muito cara a monsenhor Escrivá no meio da massa da sociedade, das estruturas em que vive, para as levedar, para as transformar com o espírito de Cristo, vivido, encarnado no empenho de buscar a santidade precisamente no que faz dele uma parte do mundo: na sua profissão, na sua família, nos seus deveres e direitos cívicos, nas suas relações sociais.

Em consonância com essa concepção genuinamente "leiga" da vocação e da missão dos cristãos comuns, monsenhor Escrivá explicava que os membros do Opus Dei — nos quais se esforçou por arraigar uma espiritualidade plenamente laical — "não costumam trabalhar em atividades confessionais (...). O que caracteriza os membros da Obra, a tarefa a que se sabem chamados por Deus é outra. Dentro do chamado universal à santidade, os membros do Opus Dei recebem ademais um chamado para procurarem livre e responsavelmente chegar à santidade e fazer apostolado no meio do mundo" ("Questões atuais...", nº 61). "O que é próprio dos membros do Opus Dei é santificar o mundo de dentro para fora (...), no seu próprio ambiente, santificando o trabalho profissional" (Ibid., nºs 61 e 19).

Este era, para monsenhor Escrivá, "o modo específico de os leigos contribuírem para a santidade e o apostolado da Igreja: a ação livre e responsável no seio das estruturas temporais (profissões, família, ambientes e organizações sociais), a elas levando o fermento da mensagem cristã" (Ibid., nº 59).

Quem conhece o recente Magistério da Igreja, desde o Concílio Vaticano II até os ensinamentos de João Paulo II, percebe de imediato a fecundidade da mensagem e da ação pastoral de monsenhor Escrivá: pois tudo o que constitui o núcleo essencial desta mensagem é hoje doutrina católica, oficialmente proclamada pela Igreja. Basta-nos recordar o resumo da Exortação Apostólica "Christifideles laici" feito por João Paulo II em Campo Grande, no seu encontro com o laicato católico brasileiro. Referia-se o Papa aos fiéis leigos qualificando-os como "cristãos comuns, sem outro apelativo: homens e mulheres inseridos na própria entranha da sociedade, que eles próprios integram e constroem, chamados por Deus, precisamente no lugar que no mundo ocupam, a viver todas as conseqüências da sua consagração batismal" (Discurso em 17-10-91).

É exatamente isto o que são os membros do Opus Dei, aquilo que Deus — através da eleição e do carisma peculiar concedido ao fundador — quis que fossem: cristãos comuns, "sem outro apelativo". Não o que se costuma chamar, numa linguagem de certo matiz clerical, "leigos engajados", "leigos comprometidos" etc., mas simples fiéis, cidadãos católicos, diocesanos das suas respectivas dioceses, e ao mesmo tempo vinculados à Prelazia do Opus Dei, que lhes proporciona a formação adequada para procurarem a plenitude da vida cristã através do seu trabalho profissional e no cumprimento dos seus demais deveres quotidianos, e realizarem o apostolado no seu próprio meio familiar, profissional e social, e não em outros lugares e tarefas justapostas.

Esta identidade específica, esta mentalidade laical, caracteriza os membros do Opus Dei, e ao mesmo tempo abre no mundo uma grande perspectiva de santificação e de apostolado. Assim o manifestava o decreto pontifício que declarou as virtudes heróicas de Josemaría Escrivá: "Regnare Christum volumus!" ("Queremos que Cristo reine"). Esta foi a grande aspiração do Servo de Deus, que também se pode descrever assim: colocar Cristo no cume de todas as atividades humanas. O serviço eclesial de Josemaría Escrivá suscitou um impulso ascensional para Deus em homens imersos nas realidades temporais, de todos os ambientes e profissões, de acordo com aquelas palavras do Senhor — "Et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum" (Io 12,32, Vg). ("E eu, se for levantado da terra, tudo atrairei a mim") — nas quais o Servo de Deus via compendiado o núcleo do fenômeno pastoral do Opus Dei. Este impulso, pelo qual o mundo é conduzido ab intra (de dentro) para Cristo, constitui como que a medida e a substância do contributo do Servo de Deus para a promoção dos leigos" (Decreto pontifício de 9-4-1991).

Santidade suscita santidade, dizia no começo. A vida santa de monsenhor Escrivá vem despertando ânsias de santidade e de apostolado em milhares de cristãos comuns no mundo inteiro. A beatificação será uma confirmação da autenticidade evangélica de seu carisma, de sua mensagem e da fecundidade de sua vida santa.

D. Rafael Llano Cifuentes é bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio.

Josemaría Escrivá de Balaguer and Opus Dei Virtual Library